

# Uma hipótese para a identificação do gênero gramatical com particular referência para o português

Letícia Sicuro Corrêa\*

## 1 Breve introdução

Neste artigo, o problema da identificação do sistema de gênero de uma língua numa teoria da aquisição da linguagem é apresentado, levando-se em conta a variabilidade dos sistemas de gênero nas diferentes línguas, a relativa rapidez com que a concordância se estabelece na fala da criança, assim como a persistência de "erros", autocorreções e reparos quanto à atribuição de gênero além dos 5 anos de idade (ver Figueira, neste volume (n.v.)). Apresenta-se uma hipótese para a aquisição do gênero do Português que explora o modo de operação do sistema computacional da língua no estabelecimento da concordância gramatical (ver também de Freitas, n.v.) e pressupõe a disponibilidade de categorias funcionais para o processamento de material lingüístico numa fase anterior à presença de morfemas funcionais na fala da criança (ver Name, n.v.<sup>1</sup>). Considera-se, ainda, a relevância de fatores semânticos e de padrões fonológicos característicos de um dado gênero na identificação de sistemas de gênero em particular e no processo de aquisição da linguagem em geral.

\* PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>1</sup> O presente artigo e os trabalhos de Name e de Freitas estão vinculados à pesquisa em desenvolvimento no LAPAL – Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem (PUC-Rio), em projetos apoiados pelo CNPq e pela FAPERJ.

## 2 A identificação do sistema de gênero numa teoria da aquisição da linguagem

Entende-se por gênero gramatical um sistema no qual a classe à qual um nome pertence é refletida nas formas assumidas por outros elementos a ele sintaticamente relacionados (Matthews, 1997). Tem-se, portanto, gênero caracterizado em função de sua realização sintática e é sua expressão sintática que será tomada como relevante ao processo de aquisição de uma língua.

Sistemas de gênero estão presentes em 75% das línguas conhecidas (van Berkun, 1997). Assim sendo, a maior parte das línguas naturalmente adquiridas requer que a criança identifique um sistema de gênero. Assumindo-se que a aquisição de uma língua natural é, em grande parte, compulsória e sem esforço, considera-se que a identificação de sistemas de gênero deva ser passível de ser desempenhada no âmbito do sistema cognitivo da língua (no sentido de Chomsky, 1995) de modo a não ser inteiramente dependente de aprendizagem e vulnerável a fatores cognitivos de outra natureza (ver de Freitas, n.v.).

Sistemas de gênero apresentam, contudo, grande variabilidade entre línguas. No Inglês, por exemplo, gênero tem pouca repercussão nos processos gramaticais.<sup>2</sup> Em línguas como o Isangu, do grupo Bantu, por outro lado, gênero manifesta-se na concordância nominal assim como na concordância verbal (Comrie, 1999).

Fatores de ordem semântica podem influenciar a atribuição de nomes a uma dada classe de gênero em maior ou menor grau e, segundo Corbett (1991), não há registro de línguas em que tais distinções baseiem-se em critérios exclusivamente formais (i.e., relativos à forma fônica). Por outro lado, sempre há exceções, mesmo em línguas em que há alto grau de correspondência entre classes gramaticais de gênero e categorias conceptuais.

Os critérios semânticos que podem influenciar a distribuição de nomes em classes de gênero também são variados. Sexo apresenta-se como o principal fator a permitir que se estabeleça uma correspondência entre gênero "natural" e gramatical, aliado ou não a propriedades semânticas como *animacidade* e *racionalidade*. Entretanto, propriedades funcionalmente relevantes, particularmente valorizadas num dado grupo social, tais como *ser ou não comestível* ou *grau de periculosidade*, também podem ser levadas em conta na

<sup>2</sup> Na verdade, é questionável se o inglês apresenta um sistema de gênero tal como caracterizado por Matthews (1997), dado que a grande maioria dos nomes não apresenta traço intrínseco de gênero e, conseqüentemente, a referência pronominal não se realiza a partir de um processo de concordância entre traços lexicais.

distribuição de nomes em classes de gênero (Corbett, 1991), o que torna a "naturalidade" de uma particular categorização questionável.

Distinções de gênero também podem apresentar-se com um padrão fonológico bem definido, como observa-se no Russo e, até certo ponto, nas línguas românicas. Contudo, mesmo nestas, em há forte coincidência entre a vogal temática de nomes e gênero gramatical, tal correspondência não é necessária. Tem-se, por exemplo, em Português, *o mapa, o tapa, o delta, o planeta*, etc. Constata-se, pois, que ainda que fatores semânticos e propriedades fônicas possam atuar, de alguma forma, na constituição de categorias de gênero nas línguas humanas, de um ponto de vista sincrônico, a atribuição de um nome a uma dada classe de gênero apresenta-se arbitrária.

No que concerne à aquisição da linguagem, a variabilidade dos sistemas de gênero aponta para a necessidade de aprendizagem específica. Por outro lado, a relativa rapidez com que a concordância de gênero se estabelece em diferentes línguas, desde os primeiros enunciados de duas ou três palavras (Pinker, 1995), e o fato de sistemas de gênero altamente complexos estarem identificados por volta de 3 anos de idade (Comrie, 1999) parecem indicar que tal variabilidade não se apresenta como dificuldade para a criança na aquisição da língua. Diante da diversidade dos critérios que podem atuar na constituição de classes de gênero e da arbitrariedade inerente à atribuição de um nome a uma dada classe, hipóteses que sugerem ser essa aprendizagem baseada em processos associativos que levem em conta padrões fonológicos e pistas semânticas (Karmiloff-Smith et al., 1997; Clashen e Almazan, 1998) tornam-se pouco plausíveis. Há, não obstante, evidência de que tais fatores são levados em conta pela criança (ver Figueira, n.v.).

Uma teoria da aquisição da linguagem deverá, pois, explicar a relativa rapidez com que a concordância de gênero se realiza na fala da criança, tendo em vista a diversidade das línguas, e caracterizar o papel de regularidades semânticas e fonológicas nesse processo.

## 3 Uma hipótese para a aquisição do gênero gramatical

Do ponto de vista da criança que processa enunciados linguísticos (dirigidos a ela ou não), a identificação de uma língua terá de restringir-se à informação estrutural passível de ser extraída na interface entre o sistema linguístico e os chamados sistemas de desempenho.

A vinculação de um nome a uma dada classe de gênero pode ser formalmente representada como um traço lexical intrínseco (i.e., com valor constante) enquanto que o gênero assumido pelos elementos sintaticamente relacionados ao nome pode ser representado por um traço flexional (i.e., cujo valor é variável em função do gênero do nome, sintaticamente dominante). Traços intrínsecos são essencialmente formais (i.e. abstratos) e, dessa forma, não são passíveis de leitura por sistemas perceptuais. Traços flexionais, por outro lado, têm realização morfofonológica, sendo, portanto, acessíveis no processamento da linguagem. Assim, do ponto de vista da criança que adquire uma língua, a identificação de informação morfofonológica relativa a traços flexionais é crucial para a identificação do sistema de gênero. Como essa informação pode ser adquirida? E de que forma esta irá promover a identificação do sistema de gênero da língua em questão?

Parte-se do pressuposto de que informação relativa a traços flexionais tem mais chance de ser identificada no âmbito de uma classe fechada. Em Português, por exemplo, a flexão de gênero se estabelece em determinantes e adjetivos.<sup>3</sup> Os primeiros integram uma classe fechada, com poucos elementos - a categoria funcional D(determinante), que tem papel fundamental no funcionamento do sistema computacional da língua (cf. Chomsky, 1995). Os segundos integram uma classe aberta, uma categoria lexical, passível de expansão. Assim sendo, a informação relativa a traços flexionais de gênero tem mais chance de ser obtida no âmbito da classe de determinantes. Em Português, a flexão de gênero apresenta total regularidade nesse âmbito - todos os elementos da classe de determinantes flexionam em gênero. Há, nessa língua, duas classes de gênero e um morfema flexional de gênero -a. A alternância recorrente entre a presença e a ausência do morfema flexional -a entre os elementos da classe de determinantes (o/ -a; um/ um-a; este/ est-a; esse/ ess-a; aquele/ aquel-a; meu/ minh-a<sup>4</sup> ...) pode facilitar a representação do traço flexional de gênero no Português e dos dois valores por ele assumidos - masculino (não marcado) e feminino (marcado pela presença do morfema flexional). Observe-se ainda que enquanto a alternância entre presença e ausência do morfema

flexional -a é regular na classe determinante, ela não o é entre adjetivos, dado que existem adjetivos invariáveis em gênero, o que leva a crer que a informação de gênero do adjetivo não é necessariamente relevante (ver Jakubowitz e Fayssart (1998) para resultados experimentais compatíveis).

Assim sendo, formula-se a hipótese de que, em Português, as classes de gênero são identificadas na categoria D, através da regularidade da alternância entre a presença e a ausência do morfema flexional -a. Essa hipótese faz prever que, numa fase inicial da aquisição da linguagem, as propriedades semânticas e fonológicas do nome não são levadas em conta pela criança. Para isso, é necessário supor um processador de linguagem que opere modularmente, identificando regularidades morfológicas e sintáticas à medida que atribui uma estrutura sintática ao enunciado em processamento (*parsing*).

A identificação da marca morfológica da distinção de gênero não garante, contudo, que o sistema de gênero possa ser identificado. Para isso, é necessário que o gênero do determinante seja atribuído ao nome, conferindo-lhe um traço intrínseco de gênero no processo de aquisição do léxico. A atribuição de um nome a uma dada classe de gênero não depende, pois, de qualquer observação relativa ao modo como classes de gênero possam ter sido socialmente criadas numa dada língua. Uma vez que o processador sintático identifica o determinante como elemento da categoria funcional D, construindo assim o nó sintático correspondente, o sistema computacional da língua garante a concordância.

No contexto do programa minimalista (Chomsky, 1995), *concordância* é vista como uma operação computacional que apaga traços formais não interpretáveis (i.e., sem correspondente fônico ou semântico) ao atraí-los para os traços correspondentes interpretáveis nas interfaces entre o sistema lingüístico e os sistemas de desempenho. Assim, entende-se que o traço intrínseco de gênero, tomado como traço formal do nome, é atraído para os traços flexionais dos determinantes que com ele concordam. Assumindo-se a análise de Abney (1987), em que D apresenta-se como Especificador do SN (o equivalente nominal da categoria funcional INFL), os traços flexionais de D "percolam" até a projeção máxima DP (SD) e a relação de concordância com o nome se estabelece. No curso da aquisição do léxico, esse processo, desencadeado pelo reconhecimento do traço flexional de gênero do determinante e pela criação de um nó D no *parsing* do enunciado, viria a conferir um traço intrínseco de gênero ao nome.

<sup>3</sup> O caso da flexão no nome será discutido adiante.

<sup>4</sup> Não é claro se os possessivos devam ser incluídos na classe de determinantes, uma vez que formas como *a minha casa*; *uma idéia minha* são possíveis em português. Contudo, tendo em vista que os possessivos encontram-se predominantemente localizados à esquerda do nome e a presença simultânea do artigo não é necessária, é possível que uma análise, por parte da criança, em que tais formas sejam tomadas como determinantes se realize.

A identificação do sistema de gênero de qualquer língua pode, portanto, ser realizada a partir de informação morfofonológica relativa aos traços formais de gênero por meio de um sistema de processamento de natureza modular. Isso garante que a concordância de gênero seja estabelecida na compreensão e permite que esta se realize na produção (uma vez que o traço de gênero atribuído ao nome esteja acessível no léxico mental). É necessário, não obstante, assumir que a representação da categoria funcional D encontra-se disponível para a criança – o que é questão controversa na literatura (ver Name, n.v.).

Diante dessa hipótese, como explicar o fato de fatores semânticos e padrões fonológicos serem levados em conta pela criança, como evidenciam seu “erros” e correções até uma idade relativamente avançada? Considera-se que, diferentemente do reconhecimento de alternância morfológica nos determinantes por um processador modular, regularidades fônicas e semânticas entre determinantes, nomes e adjetivos são percebidas por um aparato cognitivo não modular que permite à criança refletir sobre a língua.

Em algumas línguas, como o Português, um subconjunto dos nomes apresenta variação de gênero (menino, menina). A variação sistemática de nomes em função de gênero aponta para um processo produtivo de ampliação do léxico que resulta na criação de uma subclasse da categoria semântica denotada pelo nome “não flexionado” (Câmara Jr., 1970) ou de subclasses de uma categoria semântica superordenada tanto à forma masculina quanto à feminina (“ser humano na infância”, como classe superordenada a menino/menina). Contudo, essa variação sistemática não pode ser atribuída a um traço flexional, uma vez que este seja caracterizado como decorrente de concordância (Anderson, 1992; Matthews, 1991; Rocha, 1998). Assim sendo, o que se apresenta como flexão de gênero no nome pode ser entendido como um processo derivacional, no qual um sufixo derivacional *-a* é criado a partir do morfema flexional *-a* (ou simplesmente tem forma fônica coincidente). Desse modo, a identificação de variação de gênero no nome pela criança, embora instrumental para a ampliação do léxico e de categorias semânticas/conceituais, não se faz necessária à identificação do sistema de gênero como tal. De forma análoga, a coincidência da forma fônica do morfema flexional de gênero *-a* e de um sufixo derivacional *-a* ainda que possa facilitar o processamento, não vai afetar a identificação do gênero gramatical. A constatação dessas regularidades pode, não obstante, levar a criança a questionar o produto do processamento automático da concordância de gênero, ao refletir sobre a língua.

Na literatura psicolinguística, há evidências de que nomes “flexionados” em gênero (enfermeiro/-a) têm representação independente no léxico mental, dado que o acesso a formas masculinas e femininas é afetado pela frequência relativa de cada uma delas (Domingues et al., 1999). Assim sendo, não haveria distinção entre a representação de nomes “invariantes” e “variantes” quanto ao gênero, não sendo, portanto, necessário supor procedimentos distintos de atribuição de gênero na aquisição do léxico.

Uma série de experimentos com crianças de 12-18 meses encontra-se em andamento de modo a verificar as previsões decorrentes da hipótese aqui apresentada, tomando-se como índices comportamentais da análise do material linguístico pela criança a escuta preferencial a um dado estímulo acústico e a fixação preferencial do olhar a um objeto nomeado.

### Referências bibliográficas

- ABNEY, S. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspects*. Unp. PhD Diss. Cambridge, Mass.: MIT, 1987.
- ANDERSON, S. R. *A-morphous morphology*. Cambridge: CUP, 1992.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- CLAHSEN, H.; ALMAZAN, M. Syntax and morphology in Williams syndrome. *Cognition* 68, p. 167-198, 1998.
- COMRIE, B. Grammatical gender systems: a linguist's assesment. *J. Psycholing. Res.*, v. 28, n. 5, p. 457-466, 1999.
- CORBETT, G. *Gender*. Cambridge: CUP, 1991.
- DOMINGUEZ, A.; CUETOS, F.; SEGUI, J. The processing of grammatical gender and number in Spanish. *J. Psycholing. Res.*, v. 28, n. 5, p. 485-498, 1999.
- JAKUBOWICZ, C.; FAUSSART, C. Gender agreement in the processing of spoken french. *J. Psycholing. Res.*, 27, p. 597-617, 1998.
- KARMILOFF-SMITH, A. et al. Language and Williams syndrome: How intact is “intact”? *Child Devel.*, 68, p. 246-262, 1997.
- MATTHEWS, P. H. *Morphology*. Cambridge: CUP, 1991.
- . *The concise Oxford dictionary of linguistics*. Oxford: O.U.P., 1997.
- PINKER, S. Language acquisition. In: OSHERSON & LASNIK (ed.). *Language: an Invitation to cognitive science*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995. v. 1.
- ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- Van BERKUN, J. J. Syntactic processes in speech production: the retrieval of grammatical gender. *Cognition*, 64, p. 115-152, 1997.